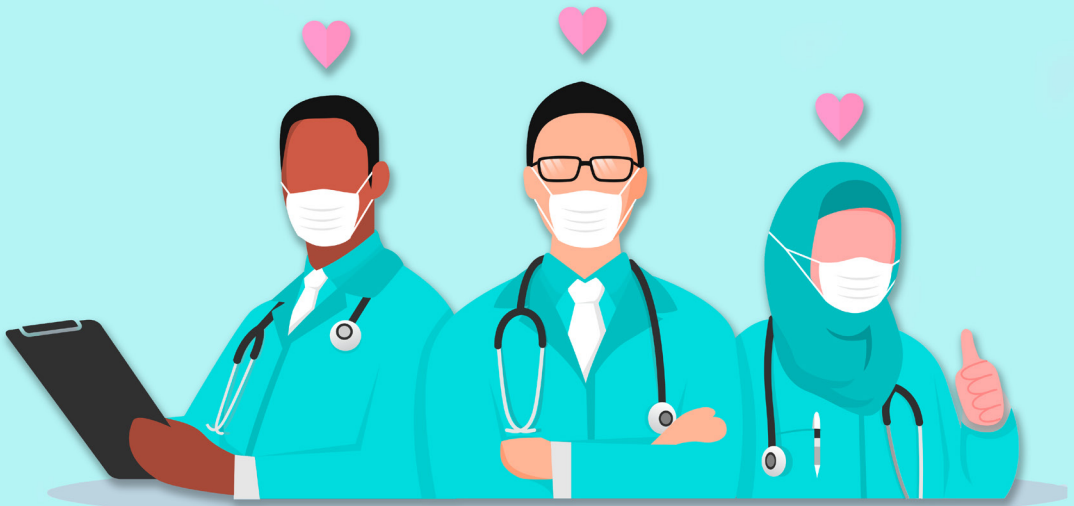


Medicina:

Esforço Comum da Promoção da Saúde e Prevenção e Tratamento das Doenças

4



Benedito Rodrigues da Silva Neto
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Medicina:

Esforço Comum da Promoção da Saúde
e Prevenção e Tratamento das Doenças

4



Benedito Rodrigues da Silva Neto
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^a Dr^a Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^a Dr^a Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^a Dr^a Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^a Dr^a Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Medicina: esforço comum da promoção da saúde e prevenção e tratamento
das doenças

4

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Benedito Rodrigues da Silva Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M489 Medicina: esforço comum da promoção da saúde e prevenção e tratamento das doenças 4 / Organizador Benedito Rodrigues da Silva Neto. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-808-3

DOI 10.22533/at.ed.083210202

1. Medicina. 2. Área médica. 3. Saúde. I. Silva Neto, Benedito Rodrigues da (Organizador). II. Título.

CDD 610

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O esforço presente na comunidade acadêmica e científica com o objetivo comum de promover saúde é uma ação que vai além da Lei orgânica da saúde, se baseando também no compromisso individual dos profissionais da área em oferecer mecanismos que proporcionem saúde à população.

Conseqüentemente, para se promover saúde em todos os seus aspectos, torna – se necessária cada vez mais a busca por novos métodos de diagnóstico eficaz e preciso para a mitigação das enfermidades nas comunidades. Partindo deste princípio, esta obra construída inicialmente de cinco volumes, propõe oferecer ao leitor material de qualidade fundamentado na premissa que compõe o título da obra, ou seja, promoção da saúde e conseqüentemente o tratamento das diversas doenças, uma vez que é cada vez mais necessária a atualização constante de seus conhecimentos.

De forma integrada e colaborativa a nossa proposta, apoiada pela Atena Editora, traz ao leitor produções acadêmicas desenvolvidas no território nacional abrangendo informações e estudos científicos no campo das ciências médicas com ênfase na promoção da saúde em nosso contexto brasileiro.

O tratamento, diagnóstico e busca por qualidade de vida da população foram as principais temáticas elencadas na seleção dos capítulos deste volume, contendo de forma específica descritores das diversas áreas da medicina, com ênfase em conceitos tais como leptina, hipersensibilidade ao leite da vaca, estresse oxidativo, febre reumática, disfunção ventricular, doença renal crônica, Transtorno do Espectro Do Autismo (TEA), diabetes gestacional, uso vitamina D, transplante hepático, estudantes de medicina, plantas medicinais, Epilepsia do Lobo Temporal, Tumor Cerebral Primário, Gestaçã, Aborto, Fitoterapia, hipoglicemiantes, Diabetes mellitus tipo 2, dentre outros diversos temas relevantes.

Finalmente destacamos que a disponibilização destes dados através de uma literatura, rigorosamente avaliada, fundamenta a importância de uma comunicação sólida e relevante na área médica, deste modo a obra “Medicina: Esforço Comum da Promoção da Saúde e Prevenção e Tratamento das Doenças – volume 4” proporcionará ao leitor dados e conceitos fundamentados e desenvolvidos em diversas partes do território nacional de maneira concisa e didática.

Desejo uma excelente leitura a todos!

Benedito Rodrigues da Silva Neto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A LEPTINA E O PROBLEMA DA SACIEDADE EM INDIVÍDUOS OBESOS

Ana Clara Militão Sales
Ana Clara Lacerda Cervantes de Carvalho
Victor Pinheiro Gomes e Albuquerque
Kariny Amaro Bezerra
Luana Lima Araújo
Valeska dos Santos Vieira
Larissa Arlinda Fernandes
Paula Karina Silva de Freitas
Francisco Jacinto Silva
Maria Jamile da Silva Feitosa
Lais Ramalho de Luna

DOI 10.22533/at.ed.0832102021

CAPÍTULO 2..... 9

ALERGIA A PROTEÍNA DO LEITE DE VACA (APLV) E SEUS IMPACTOS NA VIDA DO LACTENTE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Ana Kalyne Marques Leandro
Cibele Malveira Linhares Furtado de Vasconcelos
Glenda Dhenyfer Rocha Silva
Yarla Santos de Figueiredo Lima Cavalcante
José Jackson do Nascimento Costa

DOI 10.22533/at.ed.0832102022

CAPÍTULO 3..... 12

ALZHEIMER: “DIABETES DO TIPO 3”?

Bruna Ferraz Mesquita
Eloá Leme Silveira
Lívia Maria Della Porta Cosac

DOI 10.22533/at.ed.0832102023

CAPÍTULO 4..... 16

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM CARDIOPATIA VALVAR MITRAL SECUNDÁRIA A FEBRE REUMÁTICA COM ESTENOSE DE BIOPRÓTESE

Maria Thereza Vieira Barboza
Valeria Cristina Israel de Souza Silva Mangueira
Luanne Gomes Araújo
Vinícius Gabriel Costa França
Adrielly Augusta Oliveira Braz da Silva

DOI 10.22533/at.ed.0832102024

CAPÍTULO 5..... 27

ASSOCIAÇÃO ENTRE USO DE ANTICONCEPCIONAL E TROMBOSE VENOSA CEREBRAL: RELATO DE CASO

Jaíne Maria Silva Mendes

Bruno Oliveira de Souza
Iago de Freitas Ribeiro
Ives Ribeiro Ponte
João Victor Cruz Monteiro
Kamilla Kércia Furtado da Costa
Anne Caroliny Soares Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.0832102025

CAPÍTULO 6..... 32

DIABETES MELLITUS E SUA RELAÇÃO COM AS DOENÇAS RENAIS

Danielle Marques Oliveira Feitosa
Emanuelly Barros do Nascimento
Gabrielly Laís Andrade de Souza

DOI 10.22533/at.ed.0832102026

CAPÍTULO 7..... 40

EPIDEMIOLOGIA DAS INTOXICAÇÕES POR ALIMENTOS NO BRASIL

João Victor Cinicio Cavalcanti
Louis Hussein Patú Hazime
Narriman Patú Hazime

DOI 10.22533/at.ed.0832102027

CAPÍTULO 8..... 44

EVOLUÇÃO DOS CASOS DE PÉ DIABÉTICO ATENDIDOS NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE EM SALVADOR: UM ESTUDO ECOLÓGICO

Leticia Batista de Freitas
Caio José Monsalvarga Usan
Calila Micaela Almeida dos Santos
Samuel Borges Moreira Júnior
Fernando José Reis Silva
Wanessa Nery da Silva Santos
Amanda Queiroz Lemos

DOI 10.22533/at.ed.0832102028

CAPÍTULO 9..... 55

EXCESSO DE SUPLEMENTAÇÃO DO ÁCIDO FÓLICO NA GRAVIDEZ, ESTÁ ASSOCIADO A CAUSA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

João Batista de Menezes Silva
Simone Maria da Silva

DOI 10.22533/at.ed.0832102029

CAPÍTULO 10..... 67

FATORES DE RISCO DO DIABETES GESTACIONAL E AS CONSEQUÊNCIAS AO BINÔMIO MÃE-FILHO NO PUERPÉRIO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Kethelem Raphaela Silva do Nascimento
Fernanda Ribeiro Aguiar
Francisca Luciane Neves de Souza
Leidiane Patrícia dos Santos Colares

Rayana Gonçalves de Brito
Suzane Silva dos Santos
DOI 10.22533/at.ed.08321020210

CAPÍTULO 11..... 80

**FATORES DESENCADEANTES E QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES COM
ESCLEROSE MULTIPLA COM O AUXILIO DA VITAMINA D**

Pedro Henrique Barbosa de Sousa
Severina Rodrigues de Oliveira Lins

DOI 10.22533/at.ed.08321020211

CAPÍTULO 12..... 88

**FATORES GENÉTICOS ASSOCIADOS AO DESENVOLVIMENTO DO CÂNCER
PULMONAR**

Wanna de Melo Cadete
Amanda Teixeira de Melo
Ana Lúcia de Melo Santos

DOI 10.22533/at.ed.08321020212

CAPÍTULO 13..... 102

**FUNÇÃO RENAL DE PACIENTES EM USO DE EVEROLIMO ASSOCIADO A
DIFERENTES IMUNOSSUPRESSORES EM TERAPIA APÓS TRANSPLANTE
HEPÁTICO**

Beatriz Bandeira de Andrade
Leonardo Bandeira de Andrade
Charles Casmierchcki Picollo
Clarissa Novello Batzner
Marcelo Augusto Scheidemantel Nogara

DOI 10.22533/at.ed.08321020213

CAPÍTULO 14..... 104

**NEUROPATIA DIABÉTICA E A LIMITAÇÃO DA MOBILIDADE ARTICULAR DOS PÉS DE
INDIVÍDUOS COM DIABETES MELLITUS**

Adriana Florêncio da Silva Santos
Felipe dos Santos Moreira
Maria Michelle Valença de Azevedo
Fabyano Palheta Costa

DOI 10.22533/at.ed.08321020214

CAPÍTULO 15..... 116

O ESTUDANTE DE MEDICINA FAZ ATIVIDADE FÍSICA REGULAR?

Rodrigo Sattamini Pires e Albuquerque
Guilherme Margalho Batista de Almeida
Gustavo dos Santos Tavares
Rafael Alberto de Mendonça
Rafael Augusto Dantas Prinz

DOI 10.22533/at.ed.08321020215

CAPÍTULO 16..... 135

O USO DE PLANTAS MEDICINAIS E FITOTERÁPICOS NO CONTROLE DA DOENÇA DIABETES MELLITUS

Danielle Cristina Honorio França

Karolyni Lesley Diniz Sant'Anna

Mariana da Silva Honorio

DOI 10.22533/at.ed.08321020216

CAPÍTULO 17..... 145

PERFIL DE SAÚDE E ANÁLISE DA QUALIDADE DE VIDA DE PESSOAS COM ANEMIA FALCIFORME ACOMPANHADAS EM CENTRO DE REFERÊNCIA EM HEMATOLOGIA DA PARAÍBA

Mayara Hannah Gomes da Silva Marques

Inaê Martins de Lima

Beatriz Mesquita Guerra Cavalcante de Oliveira

Leina Yukari Etto

Cristina Wide Pissetti

DOI 10.22533/at.ed.08321020217

CAPÍTULO 18..... 156

RELATO DE CASO: PACIENTE COM EPILEPSIA REFRACTÁRIA ASSOCIADA A ESCLEROSE MESIAL HIPOCAMPAL DIREITA

Mauricio Vaillant Amarante

Ozinelia Pedroni Batista

Camila Lampier Lutzke

Shirley Kempin Quiqui

DOI 10.22533/at.ed.08321020218

CAPÍTULO 19..... 161

RELATO DE CASO: PACIENTE COM EPILEPSIA REFRACTÁRIA ASSOCIADA A OLIGODENDROGLIOMA

Mauricio Vaillant Amarante

Ozinelia Pedroni Batista

Camila Lampier Lutzke

Shirley Kempin Quiqui

DOI 10.22533/at.ed.08321020219

CAPÍTULO 20..... 168

A UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS POR GESTANTES EM UMA CIDADE DO SUDOESTE GOIANO

Lais Marques Buytendorp

Ondina Almeida Resende

Paulo Affonso Figueira de Almeida

Bruna Ferrari

Gabriela Mertz Araujo

Neire Moura de Gouveia

DOI 10.22533/at.ed.08321020220

CAPÍTULO 21.....	180
TRATAMENTO ALTERNATIVO A BASE DE PLANTAS MEDICINAIS PARA PORTADORES DE DIABETES MELLITUS DO TIPO 2: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Jennefer Laís Neves Silva	
Jobson Josimar Marques Teixeira	
Lidiany da Paixão Siqueira	
DOI 10.22533/at.ed.08321020221	
CAPÍTULO 22.....	191
VIA ALIMENTAR DE PACIENTES EM CUIDADOS PALIATIVOS: AVALIAÇÃO DA PRÁTICA UTILIZADA EM UM HOSPITAL GERAL	
Bruna Martins Alves Bento	
Flávia de Fatima Martins Faria	
Ana Maria Miranda de Araujo	
Fernanda Silva Trindade Luz	
Camila Rabelo Monteiro de Andrade	
João Pedro Rolla de Leo	
DOI 10.22533/at.ed.08321020222	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	203
ÍNDICE REMISSIVO.....	204

O ESTUDANTE DE MEDICINA FAZ ATIVIDADE FÍSICA REGULAR?

Data de aceite: 01/02/2021

Data de submissão 3/11/2020

Rodrigo Sattamini Pires e Albuquerque

Professor de Ortopedia e Traumatologia da
Universidade Estácio de Sá
ORCID 0000-0001-8209-1548

Guilherme Margalho Batista de Almeida

Universidade Estácio de Sá
ORCID 0000-0003-0160-4896

Gustavo dos Santos Tavares

Universidade Estácio de Sá
ORCID 0000-0002-5102-0357

Rafael Alberto de Mendonça

Universidade Estácio de Sá
ORCID 0000-0001-6533-4691

Rafael Augusto Dantas Prinz

Professor de Ortopedia e Traumatologia da
Universidade Estácio de Sá
ORCID 0000-0003-1814-8815

RESUMO: Objetivo: Em um momento em que as faculdades de medicina repensam seus currículos e formas de aprimorar seu processo de ensino-aprendizagem, conhecer a qualidade de vida do estudante e os fatores associados a uma boa ou má qualidade de vida é fundamental. O objetivo do presente estudo foi avaliar a prática de atividade física de estudantes de medicina através de um questionário auto-avaliação. Métodos: Trata-se de um estudo descritivo, transversal e observacional. De natureza qualitativa, onde os

estudantes de medicina voluntários da pesquisa 255 alunos foram submetidos a um questionário. Resultados: Observamos que os alunos praticam atividade física regularmente. A musculação foi o modo de se exercitar mais frequente. O grupo analisado tinha um baixo índice de comorbidades. A promoção a saúde foi o grande objetivo da prática de esporte. Conclusão: A prática da atividade física foi frequente entre os estudantes de medicina. A musculação foi a modalidade física mais praticada. O número de comorbidade foi baixo e o índice de massa corporal dentro da normalidade. A principal motivação para a prática de exercício físico foi a promoção da saúde. Entre os sedentários a principal justificativa foi a falta de tempo. Também, pode-se inferir que a prática de atividade física em estudantes de medicina possa contribuir para reduzir a ansiedade, o estresse, o cansaço, a preocupação, a sobrecarga de trabalho ou estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Estudantes de Medicina, Atividade Física, Medicina.

MEDICAL STUDENT DOES REGULAR PHYSICAL ACTIVITY?

ABSTRACT: Objective: At a time when medical schools are rethinking their curriculum and ways to improve their teaching-learning process, knowing the student's quality of life and the factors associated with a good or bad quality of life is fundamental. The aim of this study was to evaluate the practice of physical activity by medical students through a self-assessment questionnaire. Methods: This is a descriptive, cross-sectional and observational study. Qualitative in nature, where 255 medical students

who volunteered for the research were submitted to a questionnaire. Results: We observed that students regularly practice physical activity. Bodybuilding was the most frequent way of exercising. The analyzed group had a low rate of comorbidities. Health promotion was the main objective of sport. Conclusion: The practice of physical activity was frequent among medical students. Bodybuilding was the most practiced physical modality. The number of comorbidities was low and the body mass index was normal. The main motivation for practicing physical exercise was health promotion. Among sedentary people the main justification was the lack of time. Also, it can be inferred that the practice of physical activity in medical students can contribute to reduce anxiety, stress, tiredness, worry, work overload or study.

KEYWORDS: Medical Students, Physical Activity, Medicine.

1 | INTRODUÇÃO

A graduação no curso de medicina é uma das mais procuradas dentre os processos seletivos universitários. A dedicação daqueles que desejam seguir essa carreira concorrida, portanto, deve começar cedo antes mesmo do início da faculdade¹. Muitos dos interessados, porém, não têm grande conhecimento sobre a rotina vivenciada tanto na graduação quanto na carreira em si¹. Ao ingressarem na faculdade, ainda despreparados, têm que enfrentar realidades complexas e diversas¹.

O curso de medicina gera aos acadêmicos inúmeras responsabilidades e exige dedicação em período integral². A graduação em medicina é notoriamente conhecida pela sua complexidade e dificuldade, devido à grande exigência aos alunos como tempo prolongado de estudo, sacrifícios, isolamento social e resistência física e emocional. A relação entre o estresse e a medicina é estudada em diversos países, principalmente seu impacto na qualidade de vida do estudante de graduação³.

Contrariando o conhecimento na área médica, o universo acadêmico muitas vezes gera influências negativas para o estilo de vida do estudante de medicina como: hábitos alimentares irregulares e a não introdução da atividade física na sua rotina. E esse conjunto de hábitos de vida proporciona um aumento da prevalência das taxas de sobrepeso e obesidade entre tal população³. Percebe-se que há um acentuado aumento percentual dos fatores citados nos estudantes de medicina, em relação aos demais grupos universitários⁴.

A atividade física é definida como qualquer movimento corporal produzido pelos músculos esqueléticos que resulta em gasto energético maior do que os níveis de repouso⁵. Conforme o posicionamento da Sociedade Brasileira de Medicina e Esporte⁶ a saúde do homem pode ser preservada e aprimorada pela prática regular de atividade física. Há estudo que vêm demonstrando expressiva associação entre estilo de vida ativo, menor risco de morte, e melhor qualidade de vida, além da atividade física ser uma importante forma de prevenção no desenvolvimento das doenças crônico-degenerativas⁷.

As recomendações atuais de atividade física para adultos segundo o Colégio Americano de Medicina e Esporte e a Associação Americana do Coração⁸ consiste na frequência mínima de cinco vezes por semana, com duração de pelo menos trinta minutos

por dia, de modo contínuo ou acumulado em intensidade moderada, ou de pelo menos três vezes por semana, por vinte minutos ao dia de modo contínuo na intensidade vigorosa, ou ainda, as duas intensidades podem ser combinadas para atingir às recomendações.

O sedentarismo é definido como qualquer atividade que reduza o gasto corporal energético a valores próximos ao de repouso, o que inclui atividades como sentar, assistir televisão, usar o computador ou dormir⁵.

A atividade física, quando realizada de forma regular, além de levar ao aumento da qualidade de vida, pode impactar na vida dos estudantes de medicina, uma vez que a prática libera hormônios como endorfinas que atuam no sistema nervoso, reduzindo o impacto estressor do ambiente e, com isso, pode prevenir ou reduzir transtornos depressivos³. Além disso, a prática de atividade física contribui para a prevenção de doenças não transmissíveis, como doença cardíaca, diabetes tipo 2, câncer de mama e cólon, por exemplo³.

A atividade física promove melhora na capacidade respiratória, na reserva cardíaca, nos reflexos, na força muscular, na memória recente, na cognição e nas habilidades sociais. Consequentemente promove a saúde. Durante a realização de exercício físico, ocorre a liberação da b-endorfina e da dopamina pelo organismo, gerando efeito tranquilizante e analgésico na prática regular, fazendo com que, em geral, o praticante tenha estado de equilíbrio psicossocial mais estável frente às ameaças do meio externo, o que, para os graduandos de medicina, é algo quase que vital para a boa prática e estudos³. Além de contribuir para a redução da morbimortalidade por diversas doenças, outros benefícios têm sido associados à prática regular de atividade física como o aumento na autoestima e a redução da depressão e do isolamento social³.

O objetivo do presente estudo foi avaliar a prática de atividade física de estudantes de medicina através de um questionário auto-avaliação.

2 | MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, transversal e observacional. De natureza qualitativa, onde os estudantes de medicina voluntários da pesquisa (255 alunos) foram submetidos a um questionário autoaplicativo (Tabela 1). O estudo foi realizado na sala de aula, no período de agosto de 2019 a novembro de 2019. A amostra do estudo foi composta por estudantes do curso de medicina da Universidade Estácio de Sá. Essa pesquisa foi realizada na cidade do Rio de Janeiro.

O Estudante de medicina faz atividade física regular?

Iniciais: _____ Sexo: M () F () Idade: _____ Período: _____

Altura: _____ Peso: _____ Estado civil: Solteiro () Casado ()

Divorciado ()

Tem filhos? Sim () Não ()

Vínculo empregatício? Sim () Não () Qual a carga horaria semanal de trabalho? _____

Numa escala de 0 a 10, quanto você se sentiu ansioso nos últimos dois meses?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7 () 8 () 9 () 10

Numa escala de 0 a 10, quanto você se sentiu sobrecarregado de trabalho/estudo nos últimos dois meses?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7 () 8 () 9 () 10

Numa escala de 0 a 10, quanto você se sentiu preocupado nos últimos dois meses?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7 () 8 () 9 () 10

Numa escala de 0 a 10, quanto você se sentiu estressado nos últimos dois meses?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7 () 8 () 9 () 10

Numa escala de 0 a 10, quanto você se sentiu cansado nos últimos dois meses?

() 0 () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7 () 8 () 9 () 10

Possui alguma comorbidade? Sim () Não () Qual? _____

Pratica atividade física? Sim () Não () () Diariamente () 6x na semana () 5x na semana

() 4x na semana () 3x na semana () 2x na semana () 1x na semana

Tipo de atividade física: () Caminhada () Musculação () Natação () Arte marcial () Dança

() Corrida () Ciclismo () Futebol () Crossfit () Voleibol () Surf () Ginástica localizada

() Outro. Qual? _____

Duração do treinamento: () 20 minutos () 30 minutos () 60 minutos () 2 horas

() + 2 horas () Outro. Qual tempo? _____

Porque faz atividade física? () Estética corporal () Garantir saúde () Obter prazer

() Outro. Qual motivo? _____

Porque não faz atividade física? () Falta de tempo () Falta de dinheiro () Não gostar

() Não acha importante () Outro. Qual motivo? _____

Tabela 1 Questionário de auto-avaliação

Fonte: Universidade Estácio de Sá 2020

Todos os participantes do estudo receberam os esclarecimentos sobre o propósito da pesquisa. O termo de consentimento livre e esclarecido foi aplicado antes do autopreenchimento do questionário. Este estudo seguiu as orientações da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde para experimentos com seres humanos. Também foi submetido a análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade e aprovado com o número do CAAE: 12473819.3.0000.5284.

O Critério de inclusão foi ser aluno regularmente matriculado, entre o 1º e o 12º período, do curso de graduação de medicina da Universidade Estácio de Sá. O critério de exclusão foi não está cursando de forma contínua o curso de graduação de medicina na Universidade Estácio de Sá entre o 1º e o 12º período.

O questionário foi entregue aos sujeitos da pesquisa, que receberam então a orientação verbal de um pesquisador devidamente capacitado. As dúvidas foram sanadas no momento pelo aplicador. A participação foi voluntária e não foi estabelecido limite de tempo para preencher o instrumento aplicado.

Foi aplicado um questionário desenvolvido especificamente para este estudo com base na literatura existente. O mesmo abordou perguntas de identificação, dados antropométricos, histórico de saúde e questões relacionadas a prática de atividade física. As perguntas sobre as características gerais dos estudantes foram: iniciais do nome, sexo, idade, peso, altura, estado civil, dependentes, semestre que cursa e se realiza trabalho remunerado. Nosso questionário incluiu apenas as iniciais do nome para evitar qualquer constrangimento de identificação do participante. Na variável gênero, o indivíduo marcou dentre as opções masculino ou feminino. Com relação à idade, pontuamos os anos completos no momento da aplicação do questionário, bem como, o peso (em quilogramas) e a altura (em metros). Nestas duas últimas análises, não foram utilizados nenhum meio de mensuração. O índice de massa corporal foi o adotado pela associação brasileira para o estudo da obesidade e da síndrome metabólica⁹. É definido como o peso do corpo em quilogramas dividido pela altura ao quadrado em metros. Os questionamentos sobre estado civil, dependentes, semestre que cursa e se possuem vínculo empregatício são quesitos que achamos pertinentes ao estudo. Além disso, foi realizado uma escala de 0 a 10 correlacionando os últimos 2 meses com os seguintes itens: ansiedade, estresse, preocupação, cansaço, sobrecarga de trabalho/estudo. Nessa escala o zero correspondia a nota mínima e o 10 a nota máxima.

No quesito prática esportiva do questionário foi observado sua realização ou não. Além disso, foram indagados sobre tipo de esporte, intensidade e frequência semanal. O questionário também mencionou a pergunta sobre o que os motiva para a prática de atividade física. Em contra-partida houve um questionamento sobre quais os motivos para a não realização da prática desportiva.

A partir dos dados coletados foi construído um banco de dados em planilha eletrônica, que foi analisado pelo programa SPSS (Statistical Package for the Social Science), versão 22.0 e pelo aplicativo Microsoft Excel 2011.

Para caracterização da amostra e análise descritiva do comportamento das variáveis nos dois grupos, os dados foram sintetizados por meio de distribuições de frequências, cálculo de proporções de interesse e de estatísticas descritivas (mínimo, máximo, média, mediana, percentis, desvio padrão e coeficiente de variação – *CV*) para variáveis quantitativas. A variabilidade da distribuição de uma variável quantitativa foi considerada baixa se $CV < 0,20$; moderada se $0,20 \leq CV < 0,40$ e alta se $CV \geq 0,40$. As distribuições conjuntas de variáveis qualitativas em grupos independentes foram descritas em tabelas cruzadas.

A distribuição de frequências em classes de uma variável quantitativa foi obtida para classes de interesse dos autores ou para classes determinadas seguindo o método de Sturges.

Na análise inferencial, foram feitos testes de significância estatística para analisar se são significativas as diferenças encontradas entre distribuições e estatísticas (proporções e médias) de grupos distintos. Duas proporções complementares foram comparadas pelo teste binomial. Na análise inferencial das distribuições de variáveis qualitativas, a significância da associação entre duas variáveis, ou a diferença entre a distribuição das proporções foi investigada pelo teste Qui-quadrado ou, quando o teste Qui-quadrado se mostrou inconclusivo, pelo teste exato de Fisher. Uma vez encontrada associação significativa entre dois fatores, a medida usada para estimar o tamanho do efeito foi a razão de chances ou odds ratio (OR). A significância da OR foi avaliada pelo intervalo de confiança da OR, ao nível de 95% de confiança, que não pode conter o valor 1, o que significaria indivíduos de ambos os grupos terem a mesma chance de apresentar o fator (ou característica). A razão de prevalências também foi calculada.

Na Análise Inferencial de variáveis quantitativas, a hipótese de normalidade das distribuições foi verificada pelos testes de Kolmogorov-Smirnov e de Shapiro-Wilk. A distribuição de uma variável quantitativa foi considerada normal quando os dois testes não rejeitaram a hipótese de normalidade da distribuição. Para todas as variáveis quantitativas deste estudo ambos os testes de normalidade levaram a rejeição da hipótese de normalidade, ao apresentarem p-valores menores de 5%. Logo, a abordagem de análise usada neste estudo foi totalmente não paramétrica: comparações das distribuições de uma variável quantitativa ou ordinal em dois grupos independentes foram feitas pelo teste de Mann-Whitney e a análise de correlação foi baseada no coeficiente de correlação de ordem de Spearman. A significância dos coeficientes de correlação foi avaliada pelo teste do coeficiente de correlação pelo qual um coeficiente é significativamente não nulo se o p-valor do teste de correlação for menor que o nível de significância. Neste trabalho a correlação entre duas variáveis foi considerada forte somente se o coeficiente de correlação apresentasse valor absoluto maior que 0,7; e a correlação entre duas variáveis foi considerada moderada se o coeficiente de correlação apresentasse valor absoluto maior que 0,5 e menor ou igual a 0,7.

Todas as discussões acerca dos testes de significância foram realizadas considerando nível de significância máximo de 5% (0,05), ou seja, foi adotada a seguinte regra de decisão nos testes estatísticos: rejeição da hipótese nula sempre que o p-valor associado ao teste for menor que 0,05. O nível de confiança dos intervalos de confiança será de 95%.

3 | RESULTADOS

O presente estudo é baseado em uma amostra de 255 alunos do curso de medicina. Da amostra coletada, 182 alunos eram do sexo feminino e 73 eram do sexo masculino. Comparando as duas proporções, estima-se que há um predomínio significativo de alunos do sexo feminino (p -valor $<0,001$) nesta população estudada.

Os alunos participantes da pesquisa tinham tipicamente de 22 a 26 anos de idade (52,9%); eram do sétimo período (47,1%), solteiros (94,1%) e não tinham vínculo empregatício (94,9%). Entre os que trabalhavam, a carga horária semanal mais frequente era de 12 horas (1,6% dos alunos).

Na análise global os alunos tinham idades variando no intervalo de 18 a 50 anos, com baixa variabilidade ($CV=0,16$) em torno da média de 23,7 anos.

A Tabela 2 exibe a distribuição das variáveis que caracterizam aspectos da saúde dos estudantes. Considerando as respostas de maior frequência e predomínio, pode-se verificar que os alunos participantes da pesquisa tipicamente tinham peso normal (63,9%) e não apresentavam comorbidades (77,6%). Entre os que apresentavam comorbidades, o mais frequente era apresentar somente uma comorbidade (18,0%) e as comorbidades mais frequentes eram a obesidade, que acometia 6,7% dos alunos, e a asma, com prevalência de 4,7%. As distribuições de frequências dos dois grupos definidos segundo o sexo foram comparadas por testes de significância apropriados e ao avaliar os p -valores resultantes destes testes, conclui-se que os alunos dos grupos feminino e masculino se diferem significativamente no que diz respeito ao IMC (p -valor $<0,001$).

Variável	Global (n=255)		Feminino (n=182)		Masculino (n=73)		p-valor do teste comparando os dois grupos
	F	%	F	%	F	%	
Classificação do IMC							
Baixo peso	14	5,5%	12	6,6%	2	2,7%	<0,001^(a)
Peso Normal	163	63,9%	132	72,5%	31	42,5%	
Sobrepeso	61	23,9%	29	15,9%	32	43,8%	
Obesidade I	14	5,5%	8	4,4%	6	8,2%	
Obesidade II	2	0,8%	0	0,0%	2	2,7%	
Obesidade III	1	0,4%	1	0,5%	0	0,0%	
Apresenta comorbidade?							
Não	198	77,6%	142	78,0%	56	76,7%	0,820 ^(b)
Sim	57	22,4%	40	22,0%	17	23,3%	
Número de Comorbidades							
0	19	77,6%	142	78,0%	56	76,7%	0,830 ^(a)

1	46	18,0%	32	17,6%	14	19,2%	
2	10	3,9%	8	4,4%	2	2,7%	
4	1	0,4%	0	0,0%	1	1,4%	
Comorbidades							
Obesidade	17	6,7%	9	4,9%	8	11,0%	0,097 ^(a)
Asma	12	4,7%	10	5,5%	2	2,7%	0,518 ^(a)
Enxaqueca	5	2,0%	5	2,7%	0	0,0%	0,326 ^(a)
Hipotireoidismo	5	2,0%	5	2,7%	0	0,0%	0,326 ^(a)
Ansiedade	4	1,6%	0	0,0%	4	5,5%	0,006^(a)
HAS	4	1,6%	1	0,5%	3	4,1%	0,072 ^(a)
SOP	4	1,6%	4	2,2%	0	0,0%	0,329 ^(a)
Depressão	2	0,8%	1	0,5%	1	1,4%	1,000 ^(a)
Gastrite	2	0,8%	1	0,5%	1	1,4%	1,000 ^(a)
Síncope Neurocardiogênica	2	0,8%	2	1,1%	0	0,0%	0,590 ^(a)
Tireoidite Hashmoto	2	0,8%	2	1,1%	0	0,0%	0,590 ^(a)
Colesterol Alto	1	0,4%	0	0,0%	1	1,4%	0,286 ^(a)
Condromalacia	1	0,4%	1	0,5%	0	0,0%	1,000 ^(a)
DM	1	0,4%	1	0,5%	0	0,0%	1,000 ^(a)
DRGE	1	0,4%	1	0,5%	0	0,0%	1,000 ^(a)
Estresse Familiar	1	0,4%	1	0,5%	0	0,0%	1,000 ^(a)
Hérnia Cervical	1	0,4%	1	0,5%	0	0,0%	1,000 ^(a)
Pré-Diabetes	1	0,4%	1	0,5%	0	0,0%	1,000 ^(a)
TAG	1	0,4%	1	0,5%	0	0,0%	1,000 ^(a)
TDAH	1	0,4%	0	0,0%	1	1,4%	0,286 ^(a)
Tendinite Crônica no Glúteo Médio	1	0,4%	0	0,0%	1	1,4%	0,286 ^(a)
TOC	1	0,4%	1	0,5%	0	0,0%	1,000 ^(a)

(a) Teste de Mann-Whitney (b) Teste Qui-Quadrado (c) Teste Exato de Fisher

Tabela 2: Distribuição de Frequências das variáveis que caracterizam aspectos da saúde dos estudantes.

Fonte: Universidade Estácio de Sá 2020

Os alunos tinham IMC variando no intervalo de 16,6 Kg/m² a 47,5 Kg/m², com baixa variabilidade (CV=0,17) em torno da média de 23,6 Kg/m². O sexo masculino tinha o IMC significativamente maior que o sexo feminino. A diferença entre as médias de IMC é de 2,9 Kg/m². As frequências de alunos com comorbidades dos grupos feminino e masculino não se diferem significativamente (p-valor=0,820), assim como ocorre com a quantidade de comorbidades (p-valor=0,830).

Os alunos foram indagados a dar um escore, numa escala de 0 a 10, sobre seu nível de ansiedade, sobrecarga de trabalho/estudo, preocupação, estresse e cansaço nos últimos dois meses. Considerando as respostas de maior frequência e predomínio, pode-se verificar que os alunos participantes da pesquisa tipicamente declaram níveis muito altos de ansiedade (39,6%), níveis muito altos de sobrecarga de trabalho/estudo (50,2%), níveis muito altos de preocupação (50,6%), níveis muito altos de estresse (46,7%), níveis muito altos de cansaço (52,5%). As distribuições do nível de estresse não apresentam diferença significativa entre os grupos feminino e masculino (p -valor=0,051). Para a ansiedade, a sobrecarga de trabalho/estudo, a preocupação e o cansaço pode-se dizer que, em termos medianos, o subgrupo feminino tem níveis significativamente maiores que os níveis masculinos (p -valores menores que 5%).

O gráfico 1 exibe a distribuição de frequências de alunos que fazem alguma atividade física, no global e por sexo. Na análise global, observamos que 62,0% dos alunos do curso de medicina praticam alguma atividade física regularmente. A prática de atividade física regular está significativamente associada com o sexo do aluno, uma vez que a proporção de alunos do sexo masculino que praticam alguma atividade física regular (75,3%) é significativamente maior quando comparado ao sexo feminino (56,6%), p -valor =0,005. A razão de chances é igual a 2,3 e é significativa já que seu intervalo de confiança ao nível de 95% de confiança (1,28; 4,30) não contém o valor 1. Estima-se daí, que a chance de um aluno do sexo masculino praticar alguma atividade física regularmente é 2,3 vezes a chance de um aluno do sexo feminino praticar alguma atividade física regularmente.

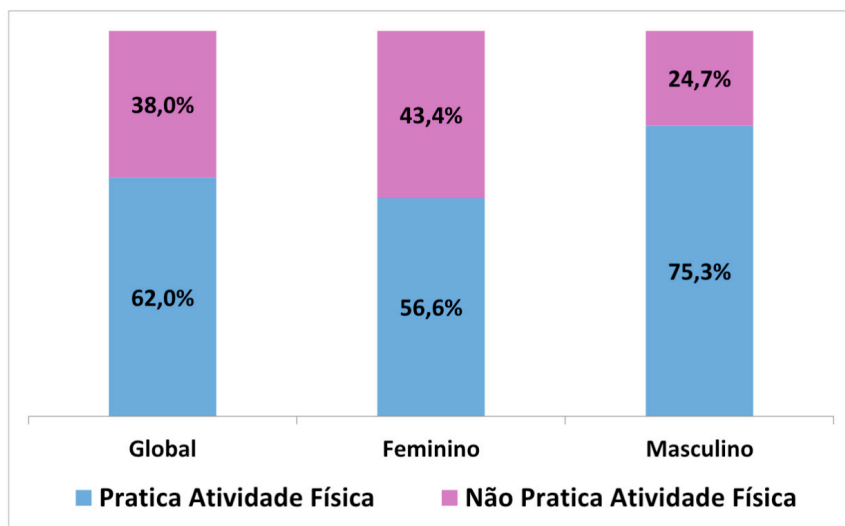


Gráfico 1: Distribuição de frequências de alunos que praticam atividade física.

Fonte: Universidade Estácio de Sá 2020

A Tabela 3 exibe as distribuições de frequências das variáveis que classificam a atividade física dos alunos. O aluno do curso de Medicina pratica atividade física regularmente (62,0%), pratica uma ou duas modalidades (49,8%). As atividades mais praticadas são a musculação (47,5%), corrida (15,3%) e caminhada (11,8%). Entre os que praticam atividade física a principal motivação é a “Saúde” (85,4%). Outros motivos citados foram a estética corporal (59,5%) e o prazer (53,8%). Entre os que não praticam atividade física, várias justificativas foram citadas, sendo as principais a falta de tempo (85,6%), a falta de dinheiro (19,6%) e o fato de não gostar de praticar alguma atividade física (13,4%). A frequência semanal mais comum é de quatro vezes na semana (27,8%) e a duração total semanal do treino mais comum é de 4 a 8 horas (94,4%).

Variável	Global (n=255)		Feminino (n=182)		Masculino (n=73)		p-valor do teste comparando os dois grupos
	F	%	F	%	F	%	
Pratica Atividade Física Regularmente?							
Sim	158	62,0%	103	56,6%	55	75,3%	0,005 (a)
Número de modalidades praticadas*							
1	66	25,9%	43	23,6%	23	31,5%	0,952 ^(b)
2	61	23,9%	39	21,4%	22	30,1%	
3	20	7,8%	15	8,2%	5	6,8%	
4	9	3,5%	5	2,7%	4	5,5%	
5	1	0,4%	0	0,0%	1	1,4%	
6	1	0,4%	1	,5%	0	0,0%	
Atividade Física Praticada							
Musculação	121	47,5%	72	39,6%	49	67,1%	<0,001 (a)
Corrida	39	15,3%	29	15,9%	10	13,7%	0,654 (a)
Caminhada	30	11,8%	22	12,1%	8	11,0%	0,800 (a)
Arte Marcial	19	7,5%	7	3,8%	12	16,4%	0,001 (a)
Ciclismo	18	7,1%	16	8,8%	2	2,7%	0,088 (a)
Ginástica Localizada	16	6,3%	15	8,2%	1	1,4%	0,045 (c)
Crossfit	14	5,5%	11	6,0%	3	4,1%	0,574 (c)
Futebol	14	5,5%	6	3,3%	8	11,0%	0,028 (c)
Dança	9	3,5%	8	4,4%	1	1,4%	0,296 (c)
Voleibol	7	2,7%	4	2,2%	3	4,1%	0,677 (c)
Natação	5	2,0%	2	1,1%	3	4,1%	0,143 (c)
Surf	3	1,2%	0	0,0%	3	4,1%	0,023 (c)
Motivação dos que praticam*							
Saúde	135	85,4%	94	91,3%	41	74,5%	0,005^(a)

Estética Corporal	94	59,5%	67	65,0%	27	49,1%	0,052 ^(a)
Prazer	85	53,8%	52	50,5%	33	60,0%	0,253 ^(a)
Justificativa dos que não praticam *							
Falta de Tempo	83	85,6%	67	84,8%	16	88,9%	0,736 ^(c)
Falta de Dinheiro	19	19,6%	14	17,7%	5	27,8%	0,512 ^(c)
Não gosta	13	13,4%	11	13,9%	2	11,1%	1,000 ^(c)
Preguiça/Desânimo	7	7,2%	4	5,1%	3	16,7%	0,404 ^(c)
Desmotivação	3	3,1%	3	3,8%	0	0,0%	0,624 ^(c)
Causa Ansiedade	2	2,1%	2	2,5%	0	0,0%	1,000 ^(c)
Cansaço Mental	1	1,0%	1	1,3%	0	0,0%	1,000 ^(c)
Disforia Corporal	1	1,0%	1	1,3%	0	0,0%	1,000 ^(c)
Não é uma prioridade	1	1,0%	1	1,3%	0	0,0%	1,000 ^(c)
Procrastinação	1	1,0%	1	1,3%	0	0,0%	1,000 ^(c)
Frequência Semanal dos que praticam*							
1	6	3,8%	4	3,9%	2	3,6%	0,001 ^(b)
2	30	19,0%	26	25,2%	4	7,3%	
4	71	44,9%	47	45,6%	24	43,6%	
5	38	24,1%	22	21,4%	16	29,1%	
6	5	3,2%	0	0,0%	5	9,1%	
7	8	5,1%	4	3,9%	4	7,3%	
Duração Total Semanal do Treino (min)*							
0 ¼ 240	42	38,9%	32	31,1%	10	18,2%	0,010 ^(b)
240 ¼ 480	102	94,4%	63	61,2%	39	70,9%	
480 ¼ 720	11	10,2%	8	7,8%	3	5,5%	
720 ¼ 960	3	2,8%	0	0,0%	3	5,5%	

(a) Teste Qui-Quadrado (b) Teste de Mann-Whitney (c) Teste Exato de Fisher

*Para calcular os percentuais desta variável não foi considerada a amostra total

Tabela 3: Distribuições de frequências das variáveis que classificam a atividade física dos alunos.

Fonte: Universidade Estácio de Sá 2020

O percentual de alunos que declaram fazer atividade física por saúde é significativamente distinto nos grupos masculino e feminino (p -valor=0,005), enquanto 91,3% das mulheres que praticam atividade física citam a saúde como motivo de fazê-lo, no subgrupo masculino este percentual é significativamente menor, 74,5%. A frequência semanal da prática de atividade física e a duração total semanal de treino também são significativamente distintas entre homens e mulheres. Os alunos do grupo masculino praticam atividade física com frequência significativamente maior que os alunos do grupo

feminino com (p-valor<0,001). Além disso, a duração total do treino semanal de alunos do grupo masculino é significativamente maior que a duração total do treino semanal de alunos do grupo feminino (p-valor=0,010).

A prática de atividade física não está significativamente associada à idade do aluno. Não há diferença entre a distribuição de idade dos alunos que fazem atividade física e os que não praticam (p-valor=0,824).

O exercício físico não está significativamente associado ao IMC do aluno. Não há diferença entre a distribuição de IMC dos alunos em relação a prática ou não de atividade física (p-valor=0,098).

A prática ou não de atividade física não está significativamente associada ao período que o aluno cursa (p-valor=0,112).

A prática de exercício físico ou o sedentarismo não estão significativamente associados ao número de comorbidades do aluno (p-valor=0,684).

Foi investigado se a prática de atividade física estava associada ao sobrepeso ou obesidade e não foi encontrada associação significativa. Não há diferença significativa entre as frequências de quem faz ou não faz atividade física nos grupos sem e com sobrepeso ou obesidade (p-valor=0,640).

As distribuições de frequências das respostas dos alunos para os níveis de ansiedade, sobrecarga de trabalho/estudo, preocupação, stress e cansaço nos subgrupos definidos segundo a prática de atividade física podem ser vistas na Tabela 4. As distribuições destas escalas nos dois grupos foram compradas pelo teste de Mann-Whitney. A partir dos p-valores, todos menores que 5%, pode-se inferir que o subgrupo de alunos que praticam atividade física tem níveis de ansiedade, de sobrecarga de trabalho/estudo, de preocupação, de estresse e de cansaço significativamente menores que os respectivos níveis dos alunos que não praticam atividade física regularmente.

Auto-avaliação	Global (n=255)		Não faz Atividade Física (n=182)		Faz Atividade Física (n=73)		p-valor do teste comparando os dois grupos
	F	%	F	%	F	%	
Nível de Ansiedade							
Nenhum (0)	2	0,8%	0	0,0%	2	1,3%	<0,001
Muito Baixo (1 ou 2)	7	2,7%	0	0,0%	7	4,4%	
Baixo (3 ou 4)	20	7,8%	4	4,1%	16	10,1%	
Médio (5 ou 6)	33	12,9%	12	12,4%	21	13,3%	
Alto (7 ou 8)	92	36,1%	29	29,9%	63	39,9%	
Muito alto (9 ou 10)	101	39,6%	52	53,6%	49	31,0%	
Nível de Sobrecarga de Trabalho/estudo							

Nenhum (0)	2	0,8%	0	0,0%	2	1,3%	0,001
Muito Baixo (1 ou 2)	5	2,0%	2	2,1%	3	1,9%	
Baixo (3 ou 4)	15	5,9%	4	4,1%	11	7,0%	
Médio (5 ou 6)	25	9,8%	6	6,2%	19	12,0%	
Alto (7 ou 8)	80	31,4%	24	24,7%	56	35,4%	
Muito alto (9 ou 10)	128	50,2%	61	62,9%	67	42,4%	
Nível de Preocupação							
Nenhum (0)	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	<0,001
Muito Baixo (1 ou 2)	9	3,5%	1	1,0%	8	5,1%	
Baixo (3 ou 4)	10	3,9%	1	1,0%	9	5,7%	
Médio (5 ou 6)	27	10,6%	6	6,2%	21	13,3%	
Alto (7 ou 8)	80	31,4%	27	27,8%	53	33,5%	
Muito alto (9 ou 10)	129	50,6%	62	63,9%	67	42,4%	
Nível de Stress							
Nenhum (0)	1	0,4%	0	0,0%	1	0,6%	<0,001
Muito Baixo (1 ou 2)	8	3,1%	1	1,0%	7	4,4%	
Baixo (3 ou 4)	9	3,5%	2	2,1%	7	4,4%	
Médio (5 ou 6)	33	12,9%	7	7,2%	26	16,5%	
Alto (7 ou 8)	85	33,3%	31	32,0%	54	34,2%	
Muito alto (9 ou 10)	119	46,7%	56	57,7%	63	39,9%	
Cansaço							
Nenhum (0)	2	0,8%	0	0,0%	2	1,3%	0,001
Muito Baixo (1 ou 2)	3	1,2%	0	0,0%	3	1,9%	
Baixo (3 ou 4)	5	2,0%	1	1,0%	4	2,5%	
Médio (5 ou 6)	25	9,8%	4	4,1%	21	13,3%	
Alto (7 ou 8)	86	33,7%	29	29,9%	57	36,1%	
Muito alto (9 ou 10)	134	52,5%	63	64,9%	71	44,9%	

Teste de Mann-Whitney

Tabela 4: Distribuição de Frequências da auto-avaliação dos níveis de Ansiedade, Sobrecarga de Trabalho e Estudo, Preocupação, Stress e Cansaço.

Fonte: Universidade Estácio de Sá 2020

4 | DISCUSSÃO

A Universidade Estácio de Sá é a que possui maior quantidade de cursos de medicina do país. Em um momento em que as faculdades de medicina repensam seus currículos e formas de aprimorar seu processo de ensino-aprendizagem, conhecer a qualidade de vida do estudante e os fatores associados a uma boa ou má qualidade de vida no curso poderia

orientar tais mudanças, no sentido de oferecer conteúdos de promoção da saúde, gestão de tempo e de relação humana, trabalhar a resiliência dos estudantes, garantir tempo livre para estudo ou atividades fora do curso, criar programas de apoio psicológico e de atividade física¹⁰. Assim sendo, achamos nosso tema de estudo extremamente relevante.

Relativo ao universo da formação médica, investigações mais abrangentes ressaltam que esta não é constituída somente pelo processo de ensino-aprendizagem de habilidades e procedimentos, mas principalmente por um complexo quadro de atitudes que cercam a personalidade deste futuro profissional¹¹. O estudante de medicina é muito exigido do ponto de vista do seu amadurecimento emocional e está sujeito a fontes de tensão que geralmente não têm sido contempladas pelo currículo instituído¹¹. Em razão disso, pensamos que a atividade física é fundamental para diminuirmos o estresse e a ansiedade habitual.

A carga horária do curso médico é extenuante e mesmo assim, muitos estudantes se envolvem e se comprometem com uma infinidade de atividades e/ou programas extracurriculares, delineando um quadro de constante ativismo que necessitam de investigações mais aprofundadas sobre os significados envolvidos nestas participações e sobre uma melhor compreensão dos sentimentos, necessidades e inquietações que o processo de formação profissional mobiliza em seus estudantes¹². Em função disso, a atividade física pode permanecer em segundo plano, porém, no nosso estudo há uma prática regular de atividade física entre os estudantes de medicina.

Além da carga horária imposta pela grade curricular da graduação, o alto grau de envolvimento dos estudantes em atividades extracurriculares indica a existência de uma cultura institucional que estimula a formação de um currículo paralelo¹³. O mesmo estudo mostra que os relatos das vivências apontaram a heterogeneidade das atividades extracurriculares, mas independente desta diversidade, há uma grande identificação dos sentimentos de culpabilidade diante da necessidade de conciliar o tempo livre para descansar, praticar exercícios físicos, cuidar da rotina acadêmica ou se envolver de modo tão intenso com tantas atividades extracurriculares¹³. Enfatizamos a necessidade da prática esportiva funcionando como uma válvula de escape dessa atribulada rotina diária.

A prevalência do sedentarismo entre graduandos de Medicina foi estimada em 7,4%, sem diferença estatisticamente significativa entre os sexos¹⁴. O sobrepeso ou obesidade foi observado em 25,7% dos alunos fisicamente ativos e em 25% dos estudantes sedentários. O aumento da pressão arterial foi observado em cinco (12,5%) dos estudantes do grupo fisicamente ativo. Entre os sedentários, foram observados 15,7% de hipertensos¹⁴. Infelizmente a vida frenética do estudante de medicina é um anúncio do futuro de sua profissão. Assim sendo, devemos alertar da importância da prática esportiva e da saúde mental. Nosso estudo evidenciou o IMC dentro da normalidade e um baixo número de comorbidades.

É provável que o período integral do curso de medicina, que dificulta as atividades extracurriculares, ofereça impedimento na prática esportiva habitual, determinando um estilo de vida sedentário, frente a computadores e televisão, que ocupam, inclusive, grande parte do período de lazer dos estudantes ¹⁵. Nosso pensamento é que a tecnologia veio tornar-se mais um fator agravante no aumento do sedentarismo.

Serinolli & El-Mafarjeh observaram que os acadêmicos de medicina que praticam exercícios físicos na faculdade e participam das competições esportivas obtiveram melhor domínio físico, psicológico, relação social e ambiental, em relação ao grupo que não realiza atividade física ³. A hipótese de que a prática esportiva teria impacto relevante na vida dos alunos foi confirmada. Nós achamos que as competições esportivas entre as faculdades de medicina devam ser estimuladas e incluídas no calendário anual destas instituições.

Os efeitos benéficos da atividade física como redução da depressão, ansiedade, melhora na capacidade respiratória, na reserva cardíaca, nos reflexos, na força muscular, na cognição e nas habilidades sociais são os possíveis fatores que devem influenciar a melhora da qualidade de vida desse grupo, uma vez que o isolamento, estresse e os fatores relacionados a síndrome de Burnout são das principais causas do adoecimento dos profissionais da saúde ³. Nós corroboramos essas afirmações. Em razão disso, pensamos que temas como a síndrome de Burnout devam fazer parte do cronograma das jornadas dessas faculdades. Também enfatizamos que a nossa pesquisa demonstrou menores índices de ansiedade, estresse, cansaço, preocupação e sobrecarga de trabalho/estudo no grupo que praticava atividade física.

Marcondelli et al. que avaliaram 281 estudantes universitários da área da saúde. Os autores evidenciaram o alto nível de sedentarismo e de baixa atividade física entre os entrevistados. O curso de medicina foi o segundo curso a ter mais estudantes sedentários ou com baixo nível de atividade física ¹⁶. Em contra-partida nosso estudo observou que a grande maioria dos participantes praticam atividade física.

Há uma consciência crescente de que o bem estar dos médicos e seus hábitos afetam a saúde de seus pacientes, o que também inclui a atividade física ¹⁷⁻¹⁸. Um estudo concluiu que os estudantes de medicina que cumpriram ou aderiram às recomendações de atividade física ao longo dos quatro anos do estudo demonstraram melhor saúde mental, maior taxa de prescrição da atividade física e maior influência dessas prescrições em relação aos seus pacientes ¹⁷. Outra pesquisa analisou os hábitos de vida dos estudantes de medicina¹⁸. Eles observaram associações positivas entre aqueles que mantinham hábitos saudáveis e a saúde de seus pacientes. Esses estudantes apresentavam maior prática do aconselhamento, o que reforça a afirmação médico saudável igual a paciente saudável ¹⁸. Assim sendo, observamos que o benefício da prática esportiva extrapola barreiras imagináveis.

Jesus et al. observaram que a maioria dos estudantes de medicina (53%) foi classificada como ativa, porém, esse curso foi o que teve o maior índice de sedentarismo

(22%)¹⁹. Os dados encontrados na literatura até o momento são contraditórios ao analisarem o nível de atividade física entre graduandos em medicina. Os estudos apontam uma prevalência maior de sedentários para esses estudantes. Assim sendo, podem evoluir para uma qualidade de vida ruim e no futuro complicações na saúde²⁰⁻²². A falta de uniformidade das informações nos despertou o interesse da elaboração desta pesquisa.

Feodrippe et al. têm apontado a presença de um desgaste no domínio psicológico no fator qualidade de vida de graduandos de medicina ao longo do curso, o que se justifica pelos níveis altos de estresse a que são submetidos ao longo do curso¹. Em função disso, deveremos alertar e tentar reverter essa situação. Nosso pensamento é de conscientizar do risco de uma morte precoce. Assim sendo, incluímos temas no nosso questionário como ansiedade, estresse, cansaço, preocupação e sobrecarga de funções.

Estudo com graduandos de medicina mostrou que 88% dos estudantes não praticam atividade física e 31,8% desses estudantes estavam acima do peso ideal²³. Outra pesquisa evidenciou que 43,2% dos alunos não realizaram nenhuma atividade física na última semana, sendo o sedentarismo mais prevalente nas mulheres²⁴. Nosso estudo observou que há uma prevalência do sexo feminino na escola de medicina e elas praticam menos atividade física.

O estudante de medicina tem um currículo de seis anos para adquirir as competências exigidas para o exercício da profissão, com atividades teóricas e práticas, em variados cenários de aprendizado, onde o professor deve ter a postura de facilitador da construção do conhecimento, nesse processo são utilizadas extensas cargas horárias¹⁰. Além das atividades de formação dentro da instituição, o estudante de medicina vivencia atividades de monitoria, de iniciação científica, de extensão universitária e de estágios, aumentando muito as horas dedicadas ao estudo e aprendizagem da medicina¹⁰. Some-se a essa carga horária o tempo despendido em estudo individual e trabalhos em grupo. Tal excesso de atividades e exigências muitas vezes não permite que o estudante tenha tempo para exercitar-se, cuidar da sua saúde, relacionar-se com família e amigos ou desenvolver outros interesses¹⁰. Dessa forma o curso de medicina em muito influencia a qualidade de vida do estudante¹⁰. Nosso pensamento está de acordo com essas afirmações. Também achamos que a saúde física e mental do estudante de medicina é a chave do sucesso para um bom desempenho de sua função.

Santos et al. observaram que os estudantes de medicina que apresentavam sobrepeso 76,5% praticavam atividade física e entre os obesos, 33,3% praticavam atividade física⁴. Enfatizamos que a prática esportiva é fundamental para combater o excesso de peso. Desta forma, devemos estimular nesta população medidas de acompanhamento médico, controle alimentar e exercício.

Marcondelli et al. analisaram o tipo de atividade executada pelos estudantes, no geral, o item musculação foi o mais citado, seguido da caminhada e do futebol¹⁶. Nosso estudo também observou a musculação como atividade física mais praticada. Acreditamos

que a praticidade e a facilidade das academias de musculação foram um fator preponderante nessa avaliação.

Marcondelli et al. em seu estudo questionaram sobre a “razão para não praticar atividade física”¹⁶. Eles obtiveram 132 respostas, das quais 66,7% selecionaram a falta de tempo, 21,2% falta de disposição, 10,6% falta de dinheiro e 1,5% falta de local adequado. Nossa pesquisa demonstrou que a falta de tempo é o principal fator para a ausência de atividade física. Além disso, Marcondelli et al. avaliaram problemas de saúde relacionados aos estudantes de medicina. A maioria dos alunos (85,4%) não apresentava nenhum problema de saúde que pudesse ser um limitante para a prática de atividade física¹⁶. Nossa pesquisa também evidenciou um baixo índice de comorbidades nesta população estudada. As comorbidades citadas em nosso estudo, de uma forma geral, não restringiam a prática de esporte.

Marcondelli et al. citam que o nível de sedentarismo desses estudantes foi considerado alto¹⁶. A amostra deste estudo foi selecionada em cursos da área de saúde de uma universidade pública, de difícil ingresso, e composta, na sua maioria, por indivíduos com condições socioeconômicas elevadas, a partir das quais se esperaria um padrão de atividade física mais elevado¹⁶. Castro Júnior et al. também evidenciaram o elevado índice de sedentarismo nessa população²⁰. Segundo esses autores esses dados foram maiores em discentes de instituições privadas. Em contra-partida nosso estudo observou um alto índice de prática de atividade física. Nossa pesquisa ocorreu em uma universidade particular. Todos nós sabemos do elevado custo das mensalidades do curso de medicina em nosso país. Achamos que o padrão socioeconômico não influi na prática de atividade física do estudante de medicina, bem como, o tipo de instituição onde ele estuda.

Marcondelli et al. concluíram que a falta de tempo e dinheiro foram as principais causas do sedentarismo¹⁶. Nossa pesquisa observou a falta tempo como o principal fator para a ausência da prática de esporte. No entanto nós sabemos que esses motivos não são impeditivos para a prática de atividade física. Uma atividade aeróbica e diária como a caminhada traz benefícios à saúde. Além disso, a caminhada não representa custo nenhum adicional.

Houveram estudos que observaram que não há diferença significativa entre os semestres acerca do nível de atividade física^{16,20}. Nossa pesquisa corrobora esse resultado.

Castro Júnior et al. citam os motivos que impulsionam os estudantes à prática de atividades físicas²⁰. Segundo eles o principal fator apontado foi a razão estética, seguida por garantir saúde e obter prazer. Marcondelli et al. afirmam que as razões estéticas predominam entre as mulheres, enquanto, os motivos prazer e diversão predominam entre os homens¹⁶. Nosso estudo observou uma preponderância do sexo feminino. Apesar disto, a promoção a saúde foi a resposta mais citada.

5 | CONCLUSÃO

A prática da atividade física foi frequente entre os estudantes de medicina. A musculação foi a modalidade física mais praticada. O número de comorbidade foi baixo e o índice de massa corporal dentro da normalidade. A principal motivação para a prática de exercício físico foi a promoção da saúde. Entre os sedentários a principal justificativa foi a falta de tempo. Também, pode-se inferir que a prática de atividade física em estudantes de Medicina possa contribuir para reduzir a ansiedade, o estresse, o cansaço, a preocupação, a sobrecarga de trabalho ou estudo.

REFERÊNCIAS

1. Feodrippe ALO, Brandao MCF, Valente TCO. Qualidade de vida de estudantes de Medicina: uma revisão. *Rev Bras Educ Med.* 2013;37(3):418-28.
2. Figueiredo ET, Morais AM, Costa AMDD, Terra FS. Influência da rotina acadêmica na prática de atividade física em graduandos de Medicina. *Rev Soc Bras Clin Med.* 2009;7(3):174-6.
3. Serinolli MI, El-Mafarjeh E. Impacto da prática de atividade física na qualidade de vida dos acadêmicos de Medicina da Universidade Nove de Julho (Uninove). *Conscientiae saúde.* 2015;14(4): 627-33.
4. Santos IJL, Moraes SR, Souza FN, Ellinger VCM, Silva CMS. Avaliação da prevalência de obesidade e sobrepeso entre estudantes de medicina da universidade Severino Sombra, Vassouras-RJ. *Revista Fluminense de Extensão Universitária.* 2016;6(1/2):13-20.
5. Raddi LLO, Silva Júnior JP, Ferrari GLM, Oliveira LC, Matsudo VKR. Nível de atividade física e acúmulo de tempo sentado em estudantes de medicina. *Rev Bras Med Esporte.* 2014;20(2):101-4.
6. Carvalho T, Nóbrega ACL, Lazzoli JK, Magni JRT, Rezende L, Drummond FA, *et al.* Posição oficial da sociedade brasileira de medicina do esporte: Atividade física e saúde. *Rev Bras Med Esporte.* 1999;4:79-81.
7. Hallal PC, Dumith SC, Bastos JP, Reichert FF, Siqueira FV, Azevedo MR. Evolução da pesquisa epidemiológica em atividade física no Brasil: Revisão sistemática. *Rev Saúde Pública.* 2007;41(3):453-60.
8. Pate RR, Pratt M, Blair SN, Haskell WL, Macera CA, Bouchard C, *et al.* Physical Activity and Public Health: A Recommendation From the Centers for Disease Control and Prevention and the American College of Sports Medicine. *JAMA.* 1995; 273(5):402-7.
9. Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO) [capturado 8 dez. 2018]. <http://www.abeso.org.br> .
10. Fiedler PT. Avaliação da qualidade de vida do estudante de medicina e da influência exercida pela formação acadêmica. São Paulo; 2008. Doutorado [Tese] Universidade de São Paulo.

11. Colares MFA. Construção de um instrumento para avaliação das atitudes de estudantes de medicina frente a aspectos relevantes da prática médica. *Rev Bras Educ Med.* 2002;26:194-203.
12. Rosa ARP. O estudante de Medicina e sua dificuldade de dispor de tempo livre para a prática de atividades culturais extra-acadêmicas. *Rev Bras Educ Med.* 1993;17:1-40.
13. Peres CM, Andrade AS. Atividades extracurriculares: representações e vivências durante a formação médica. Ribeirão Preto; 2004. Mestrado [Dissertação] Universidade de São Paulo Ribeirão Preto.
14. Alves JGB, Montenegro FMU, Oliveira FA, Alves RV. Prática de esportes durante a adolescência e atividade física de lazer na vida adulta. *Rev Bras Med Esporte.* 2005;11(5):291-4.
15. Coelho VG, Caetano LF, Liberatore Júnior RDR, Cordeiro JA, Souza DRS. Perfil lipídico e fatores de risco para doenças cardiovasculares em estudantes de medicina. *Arq Bras Cardiol.* 2005;85(1):57-62.
16. Marcondelli P, Costa THM, Schimitz BAS. Nível de atividade física e hábitos alimentares de universitários do 3º ao 5º semestres da área da saúde. *Rev. Nutr.* 2008;21(1):39-47.
17. Frank E, Tong E, Lobelo F, Carrera J, Duperly J. Physical activity levels and counseling practices of U.S. medical students. *Med Sci Sports Exerc.* 2008;40(3):413-21.
18. Duperly J, Lobelo F, Segura C, Sarmiento F, Herrera D, Sarmiento OL, *et al.* The association between Colombian medical students' healthy personal habits and a positive attitude toward preventive counseling: Cross-sectional analyses. *BMC Public Health.* 2009;9:218.
19. Jesus CF, de Oliveira RAR, Badaró AC, Ferreira EF. Nível de atividade física de estudantes da área da saúde de uma instituição superior particular de Ubá-MG. *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício.* 2017;11(68):565-73.
20. Castro Júnior EF, Barreto LA, Oliveira JAA, Almeida PC, Leite JAD. Avaliação do nível de atividade física e fatores associados em estudantes de medicina de Fortaleza-CE. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte.* 2012;34(4):955-67.
21. Lessa SS, Montenegro AC. Avaliação da prevalência de sobrepeso, do perfil nutricional e do nível de atividade física nos estudantes de medicina da Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas-UNCISAL. *Rev Soc Bras Clín Méd.* 2008;6(3):90-3.
22. Maia DAC, Maciel RHMO, Vasconcelos JÁ, Vasconcelos LA, Vasconcelos Filho JO. Síndrome de burnout em estudantes de medicina: relação com a prática de atividade física. *Caderno ESP.* 2012;6(2):50-9.
23. Mc Coll CP, Macarena AC, Johanna AB, Lastra AC, Pizarro CS. Prevalencia de factores de riesgo de enfermedades crónicas no transmisibles em estudiantes de Medicina de la Universidad de Valparaiso. *Rev chil pediatr.* 2002;73(5):478-82.
24. Chehuen Neto JA, Sirimarco MT, Delgado AAA, Lara CM, Moutinho BD, Lima WG. Estudantes de medicina sabem cuidar da própria saúde? *HU Rev.* 2013;39(1)45-53.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 169, 172, 176, 178

Ácido Fólico 55, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Alergia Alimentar 9, 11

Alimentos 40, 56, 68, 75, 85, 87, 191

Anemia Falciforme 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Anticoncepcionais 27, 30

APLV 9, 10, 11

Atendimentos 44, 45, 46, 59, 112

Atividade Física 116, 134

Autismo 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66

B

Bioprótese 16, 17, 19

Brasil 18, 35, 37, 38, 40, 41, 44, 45, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 69, 73, 75, 78, 86, 88, 89, 91, 93, 100, 104, 133, 139, 144, 147, 148, 154, 170, 177, 178, 181, 184, 187, 189, 190, 193, 200, 202

C

Câncer Pulmonar 88, 89, 90, 91, 92, 96, 99

Cuidados 17, 19, 20, 34, 37, 38, 66, 104, 109, 111, 112, 114, 115, 148, 171, 178, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 200, 201, 202

D

Diabetes Mellitus 5, 12, 13, 32, 33, 34, 35, 38, 54, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 77, 78, 79, 105, 106, 115, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 180, 181, 182, 190

Diabetes Mellitus Tipo 2 53, 180, 181, 182, 190

E

EGFR 88, 89, 90, 91, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101

Enfermagem 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 32, 33, 34, 37, 38, 53, 54, 55, 62, 63, 64, 77, 78, 104, 108, 110, 112, 115, 154, 170, 202, 203

Epilepsia 156, 157, 160, 161

Epilepsia Refratária 156, 159, 161, 165

Esclerose Múltipla 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Estudantes 116, 134

F

Fatores de Risco 23, 27, 30, 35, 37, 50, 52, 53, 54, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 89, 91, 134, 139, 183, 189

Febre Reumática 16, 17, 18, 19, 20, 24, 25

Fitoterapia 135, 140, 169, 175, 178, 190

G

Gestação 55, 60, 61, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 75, 76, 77, 163, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

H

Hipoglicemiantes 77, 79, 140, 143, 180, 182, 183, 188, 189

I

Imunidade 80, 81, 83, 85

Imunossupressores 102, 103

Insuficiência Mitral 16, 17, 18, 19, 24, 25

Intoxicação 40, 41, 42, 43

L

Leite de Vaca 9, 10, 11

Leptina 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8

M

Medicamentos 27, 28, 30, 37, 59, 69, 84, 99, 112, 141, 156, 163, 164, 176, 179, 181, 184, 186, 188

Mutação 2, 88, 90, 91, 96, 98, 99, 146

N

Neuropatia Diabética 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 115

O

Obesidade 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 36, 37, 52, 67, 69, 75, 77, 113, 117, 120, 122, 123, 127, 129, 133, 181, 183

Oligodendroglioma 161, 162, 164, 165, 166, 167

P

Pé Diabético 44, 45, 46, 47, 48, 50, 52, 53, 54, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Perfil de Saúde 145, 146

Plantas Medicinais 140

Prevenção 2, 5, 10, 35, 38, 46, 52, 54, 61, 62, 63, 66, 87, 104, 109, 111, 112, 117, 118, 140, 141, 186, 190, 191, 193, 198

Q

Qualidade de Vida 35, 62, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 90, 106, 108, 112, 114, 116, 117, 118, 128, 130, 131, 133, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 156, 159, 160, 165, 181, 191, 193, 194, 198, 200

S

Saciedade 1, 2, 4, 7

SUS 5, 8, 10, 41, 44, 45, 46, 51, 65, 164, 182, 189, 202

T

Transplante 37, 102, 103

Tratamento 2, 1, 5, 10, 18, 21, 22, 25, 30, 32, 33, 34, 37, 56, 58, 59, 65, 67, 70, 74, 75, 76, 77, 80, 82, 84, 85, 87, 90, 92, 93, 99, 100, 104, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 147, 150, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 169, 173, 174, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 193, 194

Tumor Cerebral Primário 161, 162

U





Uso Vitamina D 80, 83

Medicina:

Esforço Comum da Promoção da Saúde e Prevenção e Tratamento das Doenças

4



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Medicina:

Esforço Comum da Promoção da Saúde e Prevenção e Tratamento das Doenças

4



- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br